



**Cultura e Identidade Nacional:
Reflexões sobre a camisa da Seleção Brasileira de Futebol¹**
Culture and National Identity: Reflections on the Brazilian Football Team shirt

Maria de Fátima Bento Ribeiro

Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professora Adjunta no Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: mfabento@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0180388827878343>.

58

Naiara Souza da Silva

Doutora em Letras. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: naiaraa_souza@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8172758897256933>.

¹ Recebido para Publicação 20/03/2024. Aprovado para Publicação em 12/06/2024.
DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.12741087>





Resumo

Diante do par esporte/sociedade, pontuamos que reflexões acerca da cultura brasileira e da identidade nacional se tornam sempre necessárias para a compreensão do nosso espaço e das fronteiras que o permeiam, seja entre territórios ou corpos. Para o presente texto, trazemos como objeto de análise a camisa verde-amarela da Seleção Brasileira de Futebol, pela representatividade nacional que assume singular importância na construção cultural e identitária do Brasil. Apesar do projeto da camisa “amarelinha” ter sido idealizado individualmente, esta se tornou expressão coletiva como uma manifestação da cultura relacionada à força do esporte mais popular do país, em diferentes gerações. A camisa é um fenômeno, um artefato social que produz diferentes sentidos. Criada em determinado momento histórico para fortalecer o sentimento de identificação e de pertencimento do povo, ela ultrapassa os limites de uma paixão esportiva. Precisamente, nossa atenção volta-se às condições de produção atuais em que a narrativa em torno da camisa é marcada no desencadeamento de tensões políticas e ideológicas, já que houve certa apropriação e ressignificação do seu uso, por volta do ano de 2013, por determinada parcela da sociedade brasileira. Assim, como o ano de 2022 é um ano de Copa do Mundo FIFA e de Eleição para à Presidência da República do Brasil, sendo futebol e política o centro das atenções e discussões, interessa-nos pensar sobre o uso da camiseta “canarinho” e a sua importância na construção da identidade nacional, na medida em que esse símbolo ora causa orgulho, ora constrangimento, em função das últimas manifestações políticas. O fato é que precisamos lutar pelos símbolos nacionais que representam nossa identidade, o que evidencia que o debate da identidade nacional está sempre sendo (re)atualizado.

59

Palavras-chave: Cultura, Identidade, Futebol, Camiseta Canarinho, Sentidos.

Abstract

In view of the sport/society pair, we point out that reflections about Brazilian culture and national identity are always necessary for the understanding of our space and the borders that permeate it, whether between territories or bodies. For the present text, we bring as an object of analysis the green-yellow shirt of the Brazilian Soccer Team, due to the national representation that assumes singular importance in the cultural and identity construction of Brazil. Although the yellow shirt project was conceived individually, it became a collective expression as a manifestation of the culture related to the strength of the most popular sport in the country, in different generations. The shirt is a phenomenon, a social artifact that produces different senses. Created at a certain historical moment to strengthen the people's sense of identification and belonging, it goes beyond the limits of a sporting passion. Precisely, our attention turns to the current production conditions in which the narrative around the shirt is marked in the triggering of political and ideological tensions, since there was a certain appropriation and ressignification of its use, around the year 2013, by a certain part of Brazilian society. Thus, as 2022 is a year of the FIFA World Cup and Election for the Presidency of the Republic of Brazil, with football and politics at the center of attention and discussions, we are interested in thinking about the use of the “canarinho” shirt and its importance in the construction of national identity, insofar as this symbol sometimes causes pride, sometimes embarrassment, due to the latest political manifestations. The fact is that we need to fight for the national symbols that represent our identity, which shows that the debate on national identity is always being (re)updated.

Keywords: Culture, Identity, Football, “Canarinho” Shirt, Senses.





Considerações iniciais

Entretanto o mundo mudou. O futebol também. Porém, mais do que nunca, o que permanece é a mística das camisas amarelo-ouro.

Alex Bellos, Futebol: o Brasil em campo, 2003, p. 11.

Neste texto, partimos do pressuposto que reflexões acerca da cultura brasileira e da identidade nacional se tornam sempre necessárias para a compreensão do nosso espaço e das fronteiras que o permeiam, seja entre territórios ou corpos. Nesse sentido, a partir do par esporte/sociedade que relacionamos, trazemos como objeto de análise a camisa verde-amarela da Seleção Brasileira de Futebol pela representatividade nacional que assume singular importância na construção cultural e identitária do Brasil.

Quando dois presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2009, e Jair Messias Bolsonaro, em 2019, “homens da política”, apresentaram lideranças dos Estados Unidos como os presidentes Barack Obama e Donald Trump, respectivamente, com a “amarelinha”, observamos que a repetição pode ser considerada reveladora do valor e do significado simbólico que a camisa assume enquanto representação na promoção da imagem e da cultura nacional, no exterior, como importante instrumento para a política externa.

Apesar do projeto da camisa “amarelinha” ter sido idealizado individualmente, ela se tornou expressão coletiva como uma manifestação da cultura relacionada à força do esporte mais popular do país, em diferentes gerações. A camisa é um fenômeno, um artefato social que produz diferentes sentidos. Criada em determinado momento histórico para fortalecer o sentimento de identificação e de pertencimento do povo, ela ultrapassa os limites de uma paixão esportiva.

No caso recém citado, os dois presidentes utilizam-se estrategicamente da camisa da seleção, recuperando sentidos e sentimentos, devido à credibilidade pelo reconhecimento mundial da excelência esportiva no âmbito do futebol com seus característicos jogadores e sua história, para atingir objetivos de cooperação como uma importante alternativa para a política externa. Essa prática de suposta gentileza ou, até mesmo, de possível aceitação, é por nós entendida como *soft power*.

Nas relações internacionais, o *soft power*, caracterizado como poder brando, o poder permeado pela cultura, recebe espaço nas relações entre as nações. Trata-se de um conceito atribuído, principalmente, nas reflexões de Joseph Nye no campo das teorias das relações internacionais, quando na capacidade de sedução, contrário a guerra. É, para o autor, um poderoso instrumento para o diálogo, para a paz, e a paz mundial é um dos objetivos da política externa.

Celso Lafer (2009) destaca, no trabalho intitulado *A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro*, o desafio constante para a construção do *soft power*. Para ele, a credibilidade internacional do país é “um desafio que adquire outra magnitude no sistema internacional pós Guerra Fria, com a ‘internacionalização’ do mundo na realidade brasileira” [grifo do autor] (p.119).





Acir P. Madeira Filho (2016), ao refletir sobre a cultura como instrumento de diplomacia, pontua que “quando os países logram legitimar seu poder aos olhos dos outros, encontram menos resistência a seus pleitos e obtêm os ganhos almejados” (p. 34). Em sua proposição, “língua, artes, modas, inovações tecnológicas, economia, gastronomia, esportes são alguns fatores que determinam o grau ou o poder de atração que os países exercem sobre outros, na perspectiva da teoria do ‘poder brando’” [grifo do autor] (FILHO, 2016, p. 41).

Edgard Telles Ribeiro (2011) ao estudar a relação do estado e a diplomacia cultural com relação à riqueza cultural de um país,² reforça em seus argumentos que os objetivos de uma política cultural externa “deveriam constituir na projeção internacional desses valores, com vistas não somente à consecução de seus objetivos nacionais, mas também ao aprimoramento das relações internacionais” (p. 66).

Com respeito ao futebol, é constatado que ele ocupa vários setores da economia, da cultura e da política, reforçando a identidade de um país como parte da cultura popular de um povo. No caso brasileiro, em sua historicidade, o futebol trouxe uma imagem positiva ao país³, tornando-o reconhecido no exterior por admiração e afeto. Segundo Alex Bellos (2003), “todo o brasileiro é tocado pela mística do ‘futebol-arte’. A expressão ‘jogador brasileiro’ é comparável a ‘chefe de cozinha francês’ ou ‘monge tibetano’. A nacionalidade expressa uma autoridade, uma vocação inata para o profissional” [grifos do autor] (p. 20).

De fato, esse traço característico de reconhecimento internacional acerca da identificação brasileira com o futebol, fruto da experiência histórica e de uma memória de jogadores e de vitórias em copas do mundo, chama atenção para o esporte no país e para a cultura brasileira. Claro, destacamos que a cultura brasileira é construída não apenas no/pelo futebol, no entanto, o futebol é um componente importante da cultura popular e da projeção internacional.

O poder entre as nações é objeto das relações exteriores e da política internacional, e é nessa direção que buscamos pensar o repetido fato do presente presidencial, pois, talvez, não tenha sido por acaso que os presidentes brasileiros presentearam os líderes da maior potência do mundo com a camisa verde-amarela da Seleção Brasileira de Futebol, um importante ícone cultural do país, portador de prestígio internacional e de reconhecimento.

Ribeiro (2011) pontua que “a cultura brasileira, ou culturas brasileiras, podem e devem, assim, constituir matéria-prima para a aceleração de novos processos de aproximação bilateral, regional e internacional com outros povos e seus governos” (p. 26). Nesse caso, para a projeção externa do Brasil, o futebol tem sido referência ao reforçar o papel de ator global conforme explica Filho (2016), na medida em que o país atuou em marcos decisivos no processo de internacionalização da sua imagem como na

² Segundo o autor, “coube a França o trabalho pioneiro de incorporar a alternativa cultural ao universo de sua política externa” (RIBEIRO, 2011, p. 68).

³ Por outro lado, reconhecemos também outros discursos que relacionam o futebol com a corrupção, principalmente, na última década do século XXI. Alguns trabalhos podem ser citados, como: *Política, Propina e futebol: Como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta*, de Jamil Chade (2015), *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, de Marcos Guterman (2014), e *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*, de Franklin Foer (2005).





organização “de dois eventos esportivos de maior transcendência no plano externo, nomeadamente, a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, de 2016” (p. 17).⁴

Lafer (2009) destaca o crescimento brasileiro pelas relações internacionais e sublinha que “a interação Brasil\mundo é tão importante para a configuração do destino nacional” (p. 14). Contudo, Henrique Altemani (2005) chama atenção para não se fazer “confusão ao apontar a política externa como correspondente ou como sinônimo de relações internacionais” (p. 01). Na sua explicação, relações internacionais é a área “que representa os interesses do Estado no plano internacional” (ALTEMANI, 2005, p. 01).

Ribeiro (2011), por sua vez, escreve que “por maiores que sejam as divergências quanto a ênfase ou método de trabalho, os mecanismos de difusão cultural de inspiração diplomática devem ser basicamente julgados em termos de suas contribuições para as políticas externas dos países que se encontram vinculadas” (p. 35). De fato, o protagonismo do/no futebol com o uso da camisa verde-amarela destaca-se desde a sua proposta de criação no concurso realizado em 1953, em parceria da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) com o jornal carioca Correio da Manhã.

Isso porque a derrota brasileira na Copa do Mundo organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), em 1950, no Brasil, anfitrião da competição pela primeira vez, gerou um grande debate sobre a questão da identidade nacional que se relacionava com a cor da camiseta utilizada pelos jogadores naquela época. Em matéria do jornal, defendia-se: “o branco nada traduz, principalmente quando possuímos uma bandeira nacional com cores muito mais expressiva - Os exemplos de outros países notadamente a Argentina, o Uruguai e a Inglaterra” (JORNAL CORREIO DA MANHÃ, 1953). Como sugestão, indicava ainda: “Mudemos, porém o branco inexpressivo por um ouro, ardente como o sol brasileiro, ou um verde que nos faça lembrar a nossa tropicalidade, e sobre uma dessas cores coloquemos um Cruzeiro do Sul. Tudo será diferente, não temos dúvida” (JORNAL CORREIO DA MANHÃ, 1953).

Faz-se pertinente situar que nessa ocasião, as teorias racistas do século XIX e o debate das primeiras décadas do século XX que remete às questões de mestiçagem⁵ são reverberadas, pois, a culpabilidade da perda do trágico “Maracanazo” recai em alguns jogadores, precisamente, nos negros⁶, como é o caso do goleiro Barbosa que, apesar de ter sido considerado o melhor jogador da Copa de 1950, foi cobrado pelo gol perdido para o Uruguai que levou à derrota da Seleção. Bellos (2003) lembra que “havia um elemento racista

62

⁴ Courtine e Haroche (2014) escrevem sobre as críticas sociais aos dois eventos e ao desembolso econômico que cujos “protestos culminaram em junho de 2013, em uma mobilização social sem precedentes, mobilizando centenas de milhares de manifestantes nas ruas - paradoxo de um país onde o futebol parece reinar sem maiores dissensões” (p. 13). Fonte: COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. A copa do mundo acontece mesmo no Brasil? Multidões esportivas e comunidades imaginadas na era da globalização. Revista Projeto História, n. 49. Abril. São Paulo, 2014, p. 11-29.

⁵ Renato Ortiz (1994) comenta: “Gilberto Freyre transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite complementar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada” (p. 41). Bellos (2003) ao pesquisar sobre o preconceito aos jogadores negros, menciona que “alguns historiadores sugeriram que o drible se desenvolveu por causa do racismo durante os anos de formação do jogo. Afirmando que o estilo foi criado pelos jogadores negros, que improvisavam artisticamente como uma maneira de se protegerem contra os brancos” (p. 39).

⁶ Djamilia Ribeiro (2019) escreve que “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante” (p. 12). Fonte: RIBEIRO, D. Pequeno manual antirracista. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.





nas recriminações. Todos os três bodes expiatórios – Barbosa, Bigode, e o quarto zagueiro, Juvenal – eram negros, reacendendo as teorias raciais de que a causa da falta de caráter nacional residia na mistura racial do Brasil” (p. 56).

O uniforme da Seleção Brasileira de Futebol estava sendo questionado, e as instruções do concurso a partir do seu regulamento indicavam a criação de um uniforme completo com camisa, calção e meia. Ainda mencionava-se a necessidade de uma identidade nacional representada por cores, assim como os uniformes de outras equipes dos países que formam o Cone Sul. O vencedor do certame divulgado no dia 17 de dezembro de 1953, foi Aldyr Garcia Schlee,⁷ que concorreu com mais de 200 candidatos. Logo, a camisa verde-amarela passou a fazer parte da história e da memória dos brasileiros como um símbolo nacional.

Como podemos observar, a ideia de nacionalidade é inscrita no imaginário social por meio das cores do uniforme da Seleção Brasileira de Futebol, tornando-se uma justificativa para a remodelação da camisa, principal peça do vestuário. Tal alteração apontaria para uma possível (re)construção simbólica de valorização da identidade nacional, sendo um processo integrador que diz respeito às questões de nacionalidade e de relação com os outros países.

Em entrevista (cf. GUIMARÃES, SCHLEE, PIAZZI, 2018), perguntou-se a Schlee se ele tinha a noção de que havia criado um “símbolo nacional”, pois, a camisa “canarinho”, considerada um dos itens do vestuário esportivo mais vendido no mundo, sobressai-se no uso, nas ruas, até mais do que a própria bandeira do país. Trata-se, a nosso entender, de uma apropriação cultural pela sociedade e, aqui, caberia um questionamento: quais elementos são reconhecidos como nacionais?

No Brasil, a relação com os símbolos nacionais sempre foi permeada por uma relação conflituosa. Na obra *A formação das almas: imaginário da república*, o historiador José Murilo de Carvalho (1997), ao analisar os símbolos no momento da implantação da república como eficácia em promover a legitimação do novo regime, destaca a “importância do uso dos símbolos e dos mitos nas batalhas pela vitória de suas versões de república” (p. 13). Bellos (2003), justamente, chama atenção para o fato de o futebol ter chegado no momento em que o Brasil se tornou uma República, em 1889. Para ele, “a rápida disseminação do jogo proporcionou à população urbana, carente de símbolos nacionais, uma experiência comum” (BELLOS, 2003, p. 42).⁸

O uso da camisa verde-amarela produz diferentes sentidos⁹. Nosso texto volta-se às condições de produção atuais em que a narrativa em torno da camisa é marcada no desencadeamento de tensões políticas

⁷ Gaúcho, nascido na cidade fronteiriça de Jaguarão – fronteira com a cidade de Rio Branco no Uruguai –, Aldyr Garcia Schlee tem sua subjetividade construída a partir da fronteira, das relações que se estabelecem nesse espaço, e como sujeito jaguarense, vivia a cultura platina com a paixão pelo futebol e pela celeste. No dia 15 de novembro de 2018, foi noticiado o seu falecimento. Perdeu-se um grande escritor, professor, jornalista, tradutor e desenhista, uma referência para a Literatura da América Latina.

⁸ Cleber Santos Vieira (2011) ao trabalhar as dimensões históricas dos símbolos nacionais, especificamente, a bandeira nacional e sua apropriação em diferentes linguagens, pontua que estão “desgastados pela ditadura militar no Brasil (1964- 1985)” (p. 02) e “tornaram-se representações em desuso no campo historiográfico” (p. 02). Fonte: VIEIRA, C. S. A des(construção) dos símbolos nacionais. 2011. Fonte: Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area6/area6-artigo1.pdf>>. Acesso 08 jul. 2022.

⁹ Sem dúvida, a trajetória da camisa amarela é construída a partir de momentos que sobressaem o rumo do futebol; celebrada também nos museus, ela é considerada um dos itens *fashion* parte da exposição mundial que a reconhece como vestuário





e ideológicas, já que houve certa apropriação e ressignificação do seu uso, por volta do ano de 2013, por determinada parcela da sociedade brasileira. Assim, como o ano de 2022 é um ano de Copa do Mundo FIFA e de eleição para à Presidência da República do Brasil, sendo futebol e política o centro das atenções e discussões, interessa-nos pensar sobre o uso e a sua importância na construção da identidade nacional.

Na narrativa de Schlee (cf. GUIMARÃES; SCHLEE; PIAZZI, 2018), ele conta que, durante a ditadura no Brasil, perguntaram-lhe em um evento das Nações Unidas que participava, se a cor da camiseta da seleção deveria ser alterada; como era época de grande repressão, ele afirmou que sim, que a cor deveria ser marrom, condizente com a situação sócio-histórica do país. No entanto, a consagração da seleção na Copa de 1970, no México, fez com que o sucesso da camisa amarela permanecesse, e que os sentidos provenientes daquele contexto político fossem silenciados.

Ainda na conversa, Schlee registra o seu descontentamento quanto à vinculação esporte/política; em suas palavras: “a camiseta hoje representa a corrupção neste país, representa o golpismo neste país” (GUIMARÃES; SCHLEE; PIAZZI, 2018, p. 151). De acordo com Bellos (2003), “a camisa foi sequestrada pela CBF que vendeu para a Nike. A camisa não é um símbolo da cidadania brasileira, é um símbolo da corrupção e da situação atual” (p. 70).¹⁰

Nesse contexto, ambos os autores, importantes nos estudos sobre o futebol, criticam as poderosas instituições e acentuam as relações de poder, os interesses econômicos, como grandes ameaças ao esporte mais popular do país. Douglas W. de Vasconcellos (2005), no texto *Esporte, poder e relações internacionais*, afirma que o esporte é uma atividade econômica altamente lucrativa.¹¹ Para ele, “é quase uma ‘marca’ internacional, um ‘Made in Brazil’, que como um produto tem uma cotação mercadológica” [grifos do autor] (VASCONCELLOS, 2005, p. 241).

Outro aspecto que precisa ser destacado é a questão da cidadania brasileira, em tempos em que a democracia vem sofrendo ataques de grupos conservadores. Schlee posiciona-se com relação aos eventos de 2014: “Foi ostentando a camiseta que multidões foram às ruas [...] levando ao desastre que aconteceu do ponto de vista político” (GUIMARÃES; SCHLEE; PIAZZI, 2018, p. 151). Nesse aspecto, Carvalho (2016) explica que se tornou “costume desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais” (p. 15). Tanto um quanto o outro, preocupam-se com a questão da cidadania e, ao analisarem os movimentos que ocuparam as ruas desde junho de 2013, comentam sobre os impactos causados pelas manifestações e os novos atores políticos em cena.

Carvalho (2016) pontua: “a construção de nossa cidadania pode estar entrando em novo patamar de avanço ou retrocesso” (p. 11). Por isso, acreditamos que se torna importante lutar pelos símbolos nacionais

destacado na moda do mundo. Zygmunt Bauman (2013), sobre moda, afirma que é um “fato social” (p. 22). Portanto, é cosmopolita e significativa a representação da camiseta, extrapolando o espaço doméstico como uma referência mundial. Fonte: BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro, 2013.

¹⁰ Sobre futebol e corrupção, podem ser retomadas as leituras indicadas na nota 4 deste texto.

¹¹ O autor propõe que “o esporte repercute em outros setores e ressoa em escalas cada vez mais internacionalizadas. As telenovelas consideradas o maior produto de exportação da televisão brasileira, já têm um grande rival nas disputas de mercados externos” (VASCONCELLOS, 2005, p. 214).





que representam nossa identidade, retomando-os na sua significação e representação, o que evidencia que o debate da identidade nacional está sempre sendo (re)atualizado.

A camisa verde-amarela e a recente carga política

No ano de 2013, diferentes movimentos sociais tomaram conta das ruas em várias cidades do Brasil. O início das manifestações foi bem demarcado com a reivindicação sobre os preços das passagens de ônibus; contudo, no decorrer dos dias e com a expansão territorial que os protestos conquistaram, outros temas foram inseridos e reclamavam direitos desde os preços das passagens até o alto custo pago e empregado para o país sediar a Copa do Mundo FIFA 2014¹², uma campanha contrária à realização do megaevento esportivo em detrimento do baixo investimento em serviços públicos.

Ao mesmo tempo, crescia um movimento que vestia verde e amarelo e levava cartazes contra o governo federal, o Partido dos Trabalhadores (PT), a presidenta Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula. Nos atos, o juiz Sérgio Moro foi exaltado em faixas de maneira positiva em diversas cidades brasileiras, por essa parcela verde-amarela. Do outro lado, realizaram-se manifestações em defesa do ex-presidente e contra o *impeachment* da presidenta¹³ por uma parcela que vestia as ruas de vermelho.

65

Tais acontecimentos trouxeram, a nosso ver, certa carga política à camiseta “canarinho” da Seleção Brasileira de Futebol, a partir de sua apropriação por um determinado grupo conservador, o que provocou descontentamento dos torcedores de futebol, no campo do esporte, de outras posições políticas. A partir disso, a relação com a camisa verde-amarela é destacada em várias publicações como um produto cultural cujo uso político se intensificou nas/pelas manifestações de protesto. Na explicação de José Luiz dos Santos (2006), “a discussão sobre a cultura nacional tem sido um terreno fértil sobre a legitimação das relações de poder na sociedade” (p. 75).

Maria da Glória Gohn (2019) afirma que “junho de 2013 é um marco na vida política e sociocultural brasileira. É quando se inicia um novo ciclo de participação na sociedade brasileira, composto de coletivos e movimentos sociais diversos, com projetos e propostas diferenciadas” (p.123). Renato Ortiz (1984) já salientava em suas análises sobre cultura brasileira e identidade nacional, que “as manifestações populares podem ser analisadas em termos de poder” (p.142), e que “as relações poder penetram o domínio da esfera da cultura” (p. 142).

Nessa direção, podemos observar que há um direcionamento de sentido quanto ao uso da camiseta “canarinho” e à parcela da sociedade que a veste como representativa de seus interesses sociais, políticos e econômicos. Esse símbolo cultural passa do orgulho ao constrangimento, pois, em função dos fatos, o

¹² Um livro que pode ser citado como referência de leitura para entender as manifestações chama-se *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, publicado pela Boitempo em 2013.

¹³ Dilma Rousseff, presidenta da República Federativa do Brasil desde janeiro de 2011 (reeleita nas eleições de 2014), foi destituída do cargo em 31 de agosto de 2016 pelo *impeachment*. Fonte: Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/impeachment-dilma-rousseff.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2022.



brasileiro parece ter criado certa repulsa à tradicional camisa, afinal, não se sabe se o sujeito está torcendo para a Seleção Brasileira ou pedindo Intervenção Militar.

Sobre essa discussão, uma imagem que circulou nas redes sociais nos chamou atenção:

Figura 1: Torcedor



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/LucianaGenroPSOL>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Trata-se da fotografia de um torcedor brasileiro, no estádio, que se manifesta e explica o uso da camisa verde-amarela, por meio de um enunciado estampado em suas costas: “Só estou torcendo pro jogo do Brasil. Não me confunda com Bolsominion”. Esse discurso verbo-visual, reproduzido na mídia por Luciana Genro¹⁴, retoma a popularidade da camisa e reivindica o seu resgate em ano de Copa do Mundo e de eleições para a presidência, já que se refere a um sujeito com outra posição política contrária ao grupo que se consagrou com a “canarinho”.

Tal posicionamento, então, é revelador do conflito dos usos da camisa e retrata o tempo presente. Em outras palavras, é um posicionamento emergente, contrário aos acontecimentos da época, que reforça um sentimento de perda da referência em relação aos usos da camisa que representava culturalmente o país como um todo até a sua apropriação política. É um momento em que a polarização se acentua. Resgatar significa libertar, reaver. O que a postagem reivindica é uma memória que tem relação com a cultura

¹⁴ Deputada Estadual pelo Rio Grande do Sul e fundadora do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).



brasileira, expondo os conflitos e as tensões entre os diferentes grupos para além de um esporte que tem sua raiz europeia, mas, foi (re)criado no Brasil.

Fábio Franzini (2003), por exemplo, ao trabalhar os “corações na ponta da chuteira” escreve sobre como nos orgulhamos de ser o país do futebol. Existe uma paixão pelo futebol, desde aquele dedicado ao brilho dos craques que vestiram a camisa amarelinha àquele que “dedicamos à bola para buscar as raízes do vínculo estreito e intenso que estabeleceu entre ela e nossa própria identidade. Raízes que não estão em outro lugar que não a história, a história do Brasil no século XX” (FRANZINI, 2003, p. 12).

Franco- Júnior (2007) traz uma reflexão pertinente acerca de como o futebol foi utilizado como instrumento político, e sublinha que “políticos de todos os matizes perceberam a imensa capacidade que ele tem de mobilizar sentimentos coletivos, sejam eles grupais, regionais ou nacionais” (p. 168). Os governos autoritários, segundo o autor, foram em busca de legitimação pela bola e, nesse uso do futebol há sempre o elemento do nacionalismo.

Com o olhar para o atual contexto (Copa e eleições), devemos considerar a divisão política, econômica e social, que o país se encontra, e pensar, tal como propõe Franco-Júnior (2007), que não será apenas um simples jogo, mas, uma “arma da revolução” (p. 169). Há de se considerar que a exaltação nacionalista em tempos de Copa sempre foi marcante.¹⁵

Mas, e agora, com essa apropriação conservadora de direita? Alguns brasileiros sinalizam que a camisa se tornou uma peça assustadora, talvez um “pano de chão”, contrariados no uso indevido de uma parcela que defende projetos autoritários, ou pela postura “alienada” de alguns jogadores da seleção, ou ainda, pela utilização mercadológica e corrupta dos órgãos competentes.

Ao longo da história, principalmente no pós-segunda guerra, às tensões culturais aconteciam em países com grande heterogeneidade cultural, religiosa, nacionalismos e ideologia; recentemente, o que se vê na apropriação do uso da camisa da seleção, que faz parte do cotidiano brasileiro, é a materialização da divisão política na composição social apesar dos sujeitos pertencerem a uma mesma nacionalidade. Sabemos que a relação entre política e futebol é antiga, fazendo parte da própria história do futebol, o novo é essa apropriação pelos grupos com tendências conservadoras.

Podemos recuperar a apresentação de uma escola de samba carioca, no carnaval de 2018, *Paraíso do Tuiuti*, que trouxe para o sambódromo uma ala chamada “Manifestoches”, cuja crítica representava a manipulação dos mais pobres pelos poderosos para manter o sistema dominante. A desaprovação foi direcionada também aos manifestantes que vestiram verde-amarelo, alinhando-se ao conservadorismo. Relembre o desfile:

¹⁵ De acordo com Franco-Júnior (2007): “Ao longo de um ano comum poucas vezes se vê a bandeira ou se ouve o hino nacional. Em ano de Copa do Mundo, bandeiras são numerosas tanto em edifícios e casas luxuosas quanto em construções humildes e barracos e favelas. O símbolo nacional aparece na fachada não apenas de descontraídos bares e restaurantes, como também de austeros escritórios e consultórios. Automóveis de último tipo e as carroças de catadores de papel ostentam orgulhosamente ‘o lindo pendão da esperança’. Diferentemente da distinção que muitos povos fazem entre sua seleção de futebol e o país, entre nós a equipe nacional é chamada simplesmente de ‘Brasil’” [grifos do autor] (p. 175-176).



Figura 2: Carnaval e Futebol



Fonte: Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/as-imagens-do-desfile-da-paraiso-do-tuiuti-22390646>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

A apresentação em alusão aos protestos que tomaram forma nas ruas brasileiras, também registra a potência da amarelinha para além dos gramados futebolísticos, fixando-se como um símbolo político. Em entrevista ao jornal *El País* em 2018, para a matéria *Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas*, Schlee, com 83 anos, após mais de meio século de sua criação, declara o seu desgosto e acusa tais “movimentos antidemocráticos” de terem se apropriado indevidamente da obra que o marcou como o pai da “canarinho”. Em suas palavras, “quiseram nos empurrar goela abaixo que a camisa amarela era um símbolo de nacionalidade, de patriotismo”, “quem protestava contra Dilma com a camisa de uma instituição tão corrupta quanto a CBF é ignorante. Isso me revolta” (EL PAIS, 2018).

68

Figura 3: Manifestações pró-impeachment



Fonte: Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html>. Acesso em: 14 jul. 2022.

O crescimento de grupos conservadores com tendências de direita ou de extrema direita é um fenômeno mundial, que traz para pauta questões como negacionismo e revisionismos, *fake news*, apropriação cultural e guerras híbridas. O ataque às democracias é constante, e daí (re)surgem reflexões



sobre o fascismo, com a defesa e o retorno de agendas reacionárias, diferentes de 1930, de crise mundial no entre guerras, pois apresenta a característica do tempo presente.

A Copa de 2022 aconteceu em ambiente internacional caracterizado pela crise que se aprofundou com a pandemia mundial da Covid-19 e a guerra entre Rússia e Ucrânia fomentada pelos Estados Unidos e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em cenário de recessão econômica e crises entre as potências¹⁶ que provoca o medo do arsenal nuclear que marcou a guerra fria por décadas.

Noam Chomsky (2020) alerta em suas reflexões sobre ameaças de uma “crise civilizacional do ocidente” (p. 12). Já Boaventura de Souza Santos (2021), refere-se a um tempo de incertezas, incerteza do conhecimento, da democracia, da natureza, da dignidade e defende uma nova cultura política de transformação social, afirmando a necessidade de se “construir um pensamento alternativo de alternativas” (p. 12).

Nesse íterim, o uso da camisa amarela em 2022 evoca debate, e é por esse motivo que buscamos observar os diferentes sentidos que ela mobiliza a partir de memórias e tensões, em um momento que marca o ano do bicentenário de nossa independência, recessão econômica, eleições polarizadas e ainda registra uma época de transformações com toda sua incerteza.

As eleições para escolha do presidente do Brasil, em 2022, foi um momento de divisão em que os candidatos representavam propostas diferentes, que envolviam visões e projetos antagônicos. Nesse contexto, cabe ressaltar, também, o período acentuado pelo histórico da pandemia que colocou o Brasil em destaque pelo número de óbitos e propaganda negacionista do Governo da época. Os resultados das urnas no final do segundo turno foram apertados e o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, venceu com 50,90% - 60.345.999 votos, o candidato do Partido Liberal, Jair Bolsonaro, obteve 49,10% - 58.206.354 votos.

Em seu discurso de posse, o eleito, presidente Lula, que assume pela terceira vez a presidência da república, enfatiza: “democracia para sempre”, destacando a importância de um projeto político que anuncia como um dos pilares do seu governo “[...] os direitos e interesses da população, fortalecimento da democracia e a retomada da soberania nacional serão os pilares de nosso governo”. Também não é por acaso que ele menciona a palavra ruínas em seu discurso: “[...] e sobre estas terríveis ruínas que assumo o compromisso de junto com o povo brasileiro, reconstruir o país e fazer do Brasil de todos e para todos”. Ao subir a rampa escolhe representantes do povo que, historicamente, foram excluídos produzindo uma das imagens mais bonitas e impactantes da posse.

¹⁶ Tensão entre EUA e China com relação à Taiwan. Informações no site: Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61795719>>. Acesso em: 16 jul. 2022.



Figura 4:



Fonte: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/01/01/milhares-de-pessoas-acompanharam-a-posse-de-lula-em-brasilia>>. Acesso em: 26 out. 2024.

70

No dia 08 de janeiro de 2023 o planalto recebe, novamente, uma parcela da população apoiadora do candidato derrotado nas urnas em 2022. Vestidos com a camisa amarela da seleção brasileira invadem a sede dos três poderes, destruindo o patrimônio público em uma tentativa de desafiar as instituições e provocar a desordem como estratégia política de produzir o caos conforme foi revelado na operação “Lesá Pátria”, criada com objetivo de identificar pessoas ligadas aos atos golpistas.

Figura 5:



Fonte: <<https://www.poder360.com.br/congresso/depois-de-invasao-tom-no-congresso-e-de-confianca-na-democracia/>>. Acesso em 25 jan. 2024.





Para os amantes do futebol a apropriação cultural da camisa da seleção tem sido traumático. Na memória da história do futebol poderia ser comparada com o momento da perda da copa no Maracanã em 1950, quando o Brasil perde para o Uruguai. Na época, ficaram registrados em várias fontes como depoimentos, imagens, filmes, livros. Na atualidade, a invasão na sede dos poderes em Brasília é um alerta para o discurso da extrema direita que tem crescido no mundo com pautas excludentes, com o desmonte de políticas públicas e posturas negacionistas, conforme foi percebido na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro, que revelaram tempos de incertezas.

Considerações finais

Como últimas palavras, reforçamos nosso entendimento quanto a forte relação entre a memória afetiva de identidade e de pertencimento do brasileiro com a camiseta verde-amarela da seleção brasileira de futebol, com uma história construída social e culturalmente. Fredric Jameson (1981) ao escrever que se explore “os múltiplos caminhos que conduzem à revelação dos artefatos culturais como atos socialmente simbólicos” (p. 18), permite-nos observar e compreender os movimentos de sentidos sobre a famosa “canarinho”.

71

No plano doméstico, cada vez mais, as divergências, intolerância e violência política se acirram em um espaço permeado pelas desigualdades social, racial e de gênero e a agressividade ganha espaço nos noticiários com assassinatos de militantes, ambientalistas, jornalistas, indígenas etc., devido a posições políticas contrárias à crescente onda autoritária e conservadora.

Brasileiros críticos da camisa tradicional, seja pelo desgaste político ou pelo escudo da CBF, dão(darão) um jeito de torcer pela seleção sem ter de vestir a amarelinha, outros, contudo, assumem uma posição de retomada desse símbolo cultural e simbólico. Nesse contexto, a camisa criada em concurso na década de 1950, continua promovendo debates no campo da política, da cultura, do esporte, da memória e da história.

Como peça da cultura material, um artefato cultural pensado a partir de um esporte popular que agrega cores da bandeira nacional, a camisa verde-amarela manteve-se ao longo dos tempos com uma carga intensa de significados e representações que foram sofrendo mudanças. Utilizada em diferentes espaços, do público ao privado, da identificação à mercantilização, foi também objeto de *soft power* quando presidentes da república a oferecem como presentes nas suas missões em busca de cooperação. E para fechar a presente reflexão, citamos o poeta Thiago de Mello: “Faz escuro mas eu canto: porque amanhã vai chegar”.¹⁷

¹⁷ Verso de 1965 que ainda produz sentidos. Fonte: Disponível em: <<https://recantodopoeta.com/faz-escuro-mas-eu-canto/>>. Acesso em: 18 jul. 2022.





Referências

- ALTEMANI, H. Política externa brasileira. São Paulo, Saraiva, 2005.
- BELLOS, A. Futebol: o Brasil em campo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- CARVALHO, J. M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 22 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.
- CARVALHO, J. M. A formação das almas: imaginário da república. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- CHOMSKY, N. Internacionalismo ou extinção. Tradução Renato Marques. São Paulo, Planeta, 2020.
- EL PAIS. Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas. Entrevista com Schlee. 2018. Fonte: Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html>. Acesso em 14/07/ 2022.
- FILHO, A. Instituto de cultura como instrumento de diplomacia. Brasília, FUNAG, 2016.
- FRANCO-JÚNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, F. Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais na história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- GOHN, M. da G. Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. Petrópolis, RJ, Vozes, 2019.
- GUIMARÃES, G.; SCHLEE, A.; PIAZZI, G. Conversa com Aldyr Schlee (parte II): a criação da camisa canarinho e seu recente uso político. Entrevista. Fúlia. v. 3, n. 1, jan./abr., 2018. p. 139-153. Fonte: Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13727/1125611452>>. Acesso em 28/06/2022.
- JAMESON, F. O inconsciente político: A narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo, Ática, 1981.
- JORNAL CORREIO DA MANHÃ. Inexpressiva a atual camisa da CBD. 23 de ago., 1953. Fonte: Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/inexpressiva-a-atual-camisa-da-cbd-correio-da-manh%C3%A3-newspaper/OwER-aRQkksjvA>>. Acesso em 03/06/2022.
- LAFER, C. A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro. São Paulo, Perspectiva, 2009.
- ORTIZ, R. Cultura Brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 5 ed., 1994.



SANTOS, B. A gramática do tempo: Para uma nova cultura política. Belo Horizonte, 2021.

SANTOS, J. L. O que é cultura. São Paulo, Brasiliense, 2006.

RIBEIRO, E. Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

VASCONCELLOS, D. Esporte, poder e relações internacionais. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

